Aula 9

DIFUSÃO DO PENSAMENTO E CONHECIMENTO DO MUNDO / DESCOBERTAS GEOGRÁFICAS

META

Estudar a temática dos descobrimentos geográficos como preparação para o conhecimento de uma nova etapa da história da humanidade.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

Analisar o papel da imprensa na difusão do pensamento e conhecimento do mundo.

Examinar o significado das descobertas geográficas na vida dos europeus.

Apontar as mudanças provocadas pelas descobertas na história da Europa e da humanidade.

Lenalda Andrade Santos
Bruno Gonçalves Alvaro

INTRODUÇÃO

O aparecimento da imprensa no século XV, teve efeito revolucionário na divulgação do pensamento e do conhecimento. Numa Europa em transformação, a imprensa agregou instituições e pessoas envolvidas com estudos, experiências e invenções e ampliou o interesse por novas descobertas.

O encontro dos europeus com os nativos da América, África, Antilhas e Oceania, completa a abordagem do tema dos descobrimentos, conforme texto indicativo.

A IMPRENSA

"Como todos os progressos técnicos, a invenção da imprensa é expressão de uma civilização, realização de uma necessidade e coroamento de uma busca.

A multiplicação das universidades, o gosto dos bibliófilos, as necessidades da crítica humanista haviam aumentado consideravelmente, em meados do século XV, a procura de livros. Ora, os manuscritos custavam muito caro, tanto pela sua matéria-prima quanto pela morosidade de sua transcrição: verdadeiro luxo, pois o preço de compra de cerca de 20 obras que constituíam, em Pavia, no fim do século XV, a biblioteca de um médico, bastaria para manter um homem do povo. Os estudantes quase não os podiam adquirir, pois seu padrão de vida era assaz medíocre. Entre os ricos e, sobretudo, entre os comerciantes, a aquisição de belos manuscritos era uma forma de investimento comparável à posse de jóias e baixelas: eram enumerados, nos inventários, juntamente com os móveis e os créditos.

A princípio surgiu a idéia, por volta de 1440, de utilizar para a reprodução dos livros, o processo da gravura em madeira que a técnica da xilografia acabava de aperfeiçoar. Imaginara-se, efetivamente, já em fins do século XIV, gravar letras em relevo num bloco de madeira e, mediante uma camada de tinta e por pressão, obter a reprodução de uma página de textos; trata-se de um invento contemporâneo ao das cartas de jogar, apenas um século posterior ao conhecimento que se tivera no Ocidente do papel-moeda chinês, reproduzido por processo análogo. A inovação ocidental, todavia, só assumiu seu pleno valor quando se descobriu o meio de evitar, ao mesmo tempo, a lentidão do trabalho e a quebra de um material demasiado frágil. O progresso decisivo foi duplo: invenção da letra metálica e móvel, invenção da imprensa com chapa móvel, possibilitando imprimir tanto o verso quanto o reto da página, Depois de utilizados caracteres em relevo, os mesmos foram fabricados, numa matriz oca, onde se derramava uma

mistura de chumbo e antimônio; assim sendo, a invenção da imprensa associa-se ao progresso geral das indústrias metalúrgicas.
Pouco importa saber a quem devemos esses sucessivos progressos. Entre os inventores da imprensa, os primeiros lugares pertencem a Lourenço Coster, de Haarlem, indubitavelmente o inventor dos caracteres móveis, e a João Gutenberg [...] que realizou a impressão do primeiro livro, em 1455: uma Bíblia [...]
Símbolo da libertação dos espíritos, a imprensa foi, a princípio, bem acolhida pela Igreja: "A imprensa iluminou verdadeiramente este século", escreveu o bispo de Augsburgo em 1478: "A Igreja é-lhe particularmente grata... Essa descoberta dotou-a de grande número de livros repletos de uma ciência divina". Testemunham esse fato tanto a extraordinária difusão da Bíblia em diversas línguas, seja sob sua forma textual, seja sob a forma popular da Bíblia dos pobres, quanto as inúmeras obras piedosas, mais frequentemente impressas do que as obras antigas, e os romances de cavalaria, cuja voga, entretanto, não enfraquecia [...] De maneira muito rápida, também, foram percebidos seus riscos; já em 1487, Inocêncio VIII preocupava-se em controlar a imprensa, e, em 1501, Alexandre VI decidia que todos os livros versando sobre matéria de fé deveriam ser submetidos ao imprimatur, [...] estava forjado o instrumento dos combates da Reforma". (CROUZET, 1994, p. 183/184)

DESCOBERTAS GEOGRÁFICAS

Figura 24: As viagens de Marco Polo, bem como outras menos conhecidas — as de Jean du Plan-Carpin, Guillaume de Rubruquis, André de Longjumeau, Jean de Béthencourt — bastam para dar idéia da atividade desenvolvida nessa época para a descoberta da Terra. http://gloriadaidademedia.blogspot.com.br

Jamais um grupo de homens conheceu tantas coisas novas sobre a Terra, em tão pouco tempo, como na chamada era dos grandes descobrimentos marítimos. Nos séculos XV e XVI, os europeus, tendo à frente portugueses e espanhóis, se lançaram em pequeninas embarcações aos oceanos, aos "mares nunca dantes navegados". Eles descobriram, visitaram ou conquistaram quatro continentes – África, Ásia, América e Oceania -, conheceram centenas de povos e os colocaram em contato entre si.

Depois disso a Terra não continuou a mesma: cada ser vivo e cada coisa existente no planeta, de alguma maneira, foram afetados pelas conseqüências dos grandes descobrimentos. O conhecimento e a compreensão que os homens tinham do mundo não somente aumentou, como mudou. Começou um novo tempo na história da humanidade, tão novo que, para medi-lo, tornou-se necessário inventar novos relógios.

Para os europeus, foi um tempo de surpresas, tempo de espantos. Cada um dos quatro continentes, sozinho, era maior que a Europa inteira e possuía seus próprios animais e plantas, muitos deles desconhecidos dos brancos, bem como suas próprias paisagens, climas, riquezas naturais, seus cheiros, sabores, cores... "São coisas grandes e estranhas [...] é outro mundo, sem dúvida", resumiu a respeito um espanhol do século XVI.

Em suas viagens, os europeus encontraram altíssimas montanhas asiáticas com os picos brancos de neve e, na própria Ásia, terras tão baixas que sempre se alagavam. Encontraram escaldantes desertos africanos, onde os homens, quase mortos de sede, sofriam miragens e somente os camelos conheciam o segredo da sobrevivência. Na mesma África, contemplaram o Nilo, maior rio do mundo, as cataratas, lagos e lagoas e ainda savanas habitadas por zebras, girafas, leões. Encontraram na América florestas tropicais que, de tão deslumbrantes, incendiaram a imaginação dos homens e os fizeram se lembrar de Deus e ter visões do Paraíso.

Os europeus descobriram seres humanos de todos os tipos físicos, vivendo de variadas maneiras e em diferentes estágios de desenvolvimento técnico. Na América todos os habitantes eram índios, tinham pela avermelhada e cabelos lisos, andavam nus ou com pouca roupa, acreditavam em vários deuses. Nenhum conhecia ferro, pólvora, vidro, arado, animais de carga ou o uso da roda.

Entre os índios da América encontravam-se povos muito pobres, mas também povos ricos, como os astecas (no atual México) e os incas (no atual Peru), cujos tesouros enlouqueceram os europeus e despertaram sua ganância [...]

Na Ásia os europeus depararam-se com grupos inteiramente isolados, preocupados apenas em sobreviver. Mas encontraram também civilizações milenares, como a chinesa e a hindu, que já haviam alcançado alto grau de refinamento e sofisticação em todos os campos da expressão humana: nas artes, na filosofia, nas ciências, na fabricação de tantos produtos... Estas civilizações consideravam-se superiores às outras, inclusive as européias [...]

Na África os europeus defrontaram-se com uma maioria de negros, mas também com povos de origem árabe, localizados na região norte e que professavam a religião muçulmana. No continente africano tanto encontraram tribos vivendo na Idade da Pedra como comunidades com elevado nível técnico, que há muito navegavam pelo Oceano Índico, comerciando com a Ásia inteira [...]

TEMPO DE MUDANÇAS

Para alcançar os descobrimentos marítimos, foi preciso que primeiro a Europa transformasse todos os aspectos de sua vida. Foi necessário que os homens, ao longo de centenas de anos, mudassem as formas de produzir riquezas, trabalhar a terra, negociar, governar, relacionar-se com a religião, pensar o mundo...

Essas mudanças não ocorreram de uma só vez e nem todas no mesmo lugar: foram acontecendo devagar, se alastrando aos poucos e se unido umas às outras. Naturalmente, tudo não se passou de forma planejada, nem mesmo com o objetivo de realizar os grandes descobrimentos. Mas sem essas transformações os europeus não teriam condições de se lançar ao mar.

Uma das mudanças mais importantes foi o desenvolvimento do comércio. Desde o século XI o comércio europeu lentamente se fortaleceu, renascendo em lugares onde por muitos anos havia quase desaparecido por completo. No início foi exercido timidamente, em pequenos mercados locais, e, depois, em feiras que se tornaram cada vez mais movimentadas. A partir de então atingiu um desenvolvimento tão grande que fez nascer cidades, gerou riquezas fantásticas, empregou muitos trabalhadores e atraiu negociantes de várias partes do mundo.

No século XIV, as rotas comerciais já eram bastante percorridas, unindo os três continentes conhecidos dos europeus à época: Ásia, norte da África e a própria Europa. Por essas rotas circulavam caravanas transportando metais preciosos, especiarias, artigos de luxo, açúcar, escravos e vários produtos valorizados naqueles tempos...

Com a experiência, aos poucos os negociantes foram superando as dificuldades. Aperfeiçoaram o sistema de trocas, aumentaram e diversificaram as mercadorias e as relações mercantis, utilizaram-se dos bancos, das bolsas de valores... Nessa caminhada, a atividade comercial passou a ser o elemento mais importante para dar vida às cidades, onde as mercadorias eram produzidas e negociadas. [...]

Apropriado aos debates, experiências, estudos, indagações, o ambiente urbano da época fervilhava. A partir do século XV os europeus das cidades, favorecidos pelas condições econômicas, se lançaram a uma série de invenções e descobertas que, em seu conjunto, caracterizam uma das épocas mais criativas da História.

Nesse período, por exemplo, os estudiosos começaram a compreender melhor o funcionamento do corpo humano, a partir de observações cuidadosas e da prática da dissecação de cadáveres; desenvolveram, também, os primeiros estudos sobre a circulação do sangue. A Botânica e a Zoologia aperfeiçoaram-se muito, com a descoberta e classificação de várias espécies. A Matemática, aprofundada e ampliada, tornou-se um meio importante para ajudar o desenvolvimento comercial e científico.

Para que se construíssem edifícios altos, catedrais, pontes, estradas, palácios, bancos, etc., tão necessários ao novo ritmo de vida, a engenharia aprimorou-se. E a arquitetura se inspirou nas belas formas da Antiguidade para criar o panorama do novo tempo. Um tempo que os homens aprenderam a medir mecanicamente e a carregar consigo, nos primeiros relógios de bolso já fabricados.

Ao trocar o conhecido pelo desconhecido, os europeus desvendaram outros espaços, nos mares, na terra, nos céus. A Geografia e a Astronomia tornaram-se instrumentos de uma nova concepção do planeta e do Universo. Todos esses conhecimentos adquiridos puderam, a partir do século XV, ser divulgados muito mais rapidamente. A invenção da imprensa transformou o velho livro copiado à mão, muito raro e bonito, - quase uma jóia -, em um produto prático, acessível e mais barato.

Os novos conhecimentos atingiam tantas áreas diferentes que os homens cultos da época, os chamados humanistas, consideravam fundamental dominar diversos campos do saber. Eles tentavam atingir um conteúdo universal: ciência, técnica, arte, filosofia, tudo era considerado igualmente importante para o ser humano. [...]

Mas quem governava as regiões européias? A partir do século XI, a maioria das terras pertencentes aos senhores feudais e à Igreja, assim como a povos estrangeiros, foi passando para o poder dos reis, por meio de guerras, conquistas, heranças, doações, casamentos. Em muitas regiões, o enfraquecimento dos senhores feudais, devido à perda da mão-de-obra dos servos, que seguiam para os burgos, foi mais um fator de fortalecimento dos reis. Assim, através de muitos modos, foram surgindo os países modernos, os Estados Nacionais: Portugal, Espanha, França, Inglaterra ...

Os reis necessitavam de muito poder para governar a tudo e a todos. Esse poder precisava ser sustentado pelas riquezas: não era possível ser forte sem ser rico. Os reis se interessaram pelos negócios dos comerciantes e se associaram a eles. Em troca, os comerciantes financiaram as principais despesas dos reinos.

Ao se iniciar o século XV, a Europa possuía uma série de conhecimentos básicos para realizar as grandes navegações [...]. Em condições melhores, Portugal e Espanha se sobressaíram na aventura marítima. Num período de cem anos, portugueses e espanhóis contornaram a África, atingiram a Ásia, descobriram a América e a Oceania e deram a volta ao mundo, numa das experiências mais empolgantes de todos os tempos.

Àquela época, navegar em mar aberto era preciso, mas muito perigoso. Os marinheiros tiveram que enfrentar doenças, tempestades, ventos, fome e sede, perigos de todos os tipos, grandes riscos de naufrágio e solidão. [...] Mas os navegantes europeus tiveram também que encarar e vencer um inimigo diferente e muito mais poderoso, que se encontrava diante deles: o medo. Medo dos monstros marinhos, das sereias capazes de enfeitiçar marinheiros, do abismo que ficava bem ali, onde a Terra se acabava, da linha do Equador, cujo calor derretia os miolos. [...]

As grandes navegações demonstraram que no mundo real essas coisas não eram encontradas, que elas só existiam na fantasia dos homens. Assim, ajudaram a destruir a velha concepção medieval do mundo, baseada na imaginação e no misticismo. E a substituíram por idéias novas, fundamentadas na observação, na experiência e na razão.

EM NOME DE DEUS E DO LUCRO

Oitenta por cento dos índios da América mortos, em combate ou por doença. Cinquenta por cento da população original da Oceania dizimada somente no primeiro contato com os brancos. Grande parte dos povos da África escravizada ou assassinada. A conquista européia das terras e dos povos descobertos revestiu-se de um grau de violência poucas vezes visto na História.

A avidez dos europeus pelo ouro, que se estendia também aos outros metais preciosos e a todos os produtos valorizados na época, era praticamente infinita [...] Em apenas três anos, os conquistadores conduziram para a Espanha todo o ouro extraído pelos índios das Antilhas ao longo de mil anos. [...]

A viagem de Vasco da Gama, a primeira viagem marítima até as Índias, rendeu seis mil por cento de lucro. O comércio do marfim na África abarrotou de dinheiro muitas famílias e coroas européias. O tráfico de escravos africanos, feito por tantos navegadores, foi o ramo mais lucrativo de todo o comércio colonial. Os ganhos obtidos com um único carregamento de seda asiática foram suficientes para que um comerciante português vivesse confortavelmente pelo resto da vida. A exploração européia das terras e dos homens descobertos não conheceu limites.

Explorava-se “em nome de Deus e do lucro”, como disse um mercador italiano. A preocupação em cristianizar as populações encontradas foi constante: “mandar pessoas às ditas terras [...] para que a gente dela se convertesse à nossa fé católica”, ordenou D. João III, rei de Portugal. “O melhor fruto que dela [da terra do Brasil] se pode tirar, me parece que será salvar esta gente”, opinou em 1500 Pero Vaz de Caminha. Para catequizar, converter ao cristianismo os infiéis – e “infiéis” eram todos aqueles que não professavam o catolicismo, ou seja, a humanidade inteira, com exceção de parte dos europeus -, os conquistadores não hesitaram em recorrer à força.

Os índios que se recusavam a obedecer ao rei europeu, ou a se converter, podiam ser legalmente combatidos, pois esses casos eram considerados na Europa como "guerra justa". Antes do ataque, os índios rebeldes ouviam dos capitães de conquista estas palavras: "Se não o fizerdes [a conversão e a submissão] [...] certifico-vos que com a ajuda de Deus eu entrarei poderosamente contra vós e vos farei guerrear por todas as partes e maneiras que puder, e vos sujeitarei ao jugo e obediência da Igreja e de Sua Majestade e tomarei vossas mulheres e filhos e vos farei escravos, e como tais vos venderei, e disporei de vós como Sua Majestade mandar, e tomarei vossos bens e vos farei todos os males e danos que puder". (AMADO E GARCIA, 1989, p. 2/9).

CONCLUSÃO

As descobertas geográficas pelos europeus criaram um tempo novo, um mundo novo, mas isso teve um custo muito alto, especialmente para as populações nativas dos territórios que foram sendo submetidos ao controle dos Estados europeus, à sua civilização.

RESUMO

"No decorrer do século XIV, a Europa passou por uma crise econômica e social de enormes proporções, marcada por guerras, rebeliões populares, diminuição da produção agrícola, fome prolongada e uma epidemia de peste negra que matou mais de um terço da população. Passada a tormenta, a economia européia conheceu um período de grande crescimento. Mas em meados do século XV, surgiram obstáculos a essa expansão, configurando uma crise de crescimento.

Uma das saídas encontradas para a superação da crise foram as Grandes Navegações. A partir do século Xv, os europeus se lançaram à exploração de mares que pouco conheciam. Essa aventura permitiu a abertura de novas rotas para os mercados tradicionais do Oriente, além do encontro de novas fontes de metais preciosos para a cunhagem de moedas. Os pioneiros na expansão marítima foram os portugueses e os espanhóis, seguidos depois por ingleses, franceses e holandeses". (ARRUDA e PILETTI, 1999, p. 175).

ATIVIDADES

1. Fale sobre o surgimento da imprensa no século XV.
2. Faça um resumo do texto de Amado e Garcia sobre os grandes descobrimentos marítimos.

PRÓXIMA AULA

O tema a ser abordado na próxima aula diz respeito ao significado da Idade Média.

REFERÊNCIAS

AMADO, Janaína e GARCIA, Ledonias Franco. **Navegar é Preciso. Grandes descobrimentos europeus**. São Paulo: Atual, 1989. (História em documentos).

ARRUDA, José Jobson de A. e PILETTI, Nelson. **Toda A História. História Geral e do Brasil**. São Paulo: Ática, 1999.

COSTA, Luís César Amad e MELLO, Leonel Itaussu **A. História Geral e do Brasil: da Pré-História ao Século XXI.** São Paulo: Scipione, 2008.

CROUZET, Maurice (Direção). **História Geral das Civilizações - A Idade Média: Os tempos difíceis**. V. 8. Tradução de Pedro Moacyr de Campos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

FRANCO Jr, HILÁRIO e CHACON, Paulo Pan. **História Econômica Geral.** São Paulo: Atlas, 1986.

HEERS, Jacques. **O Ocidente nos Séculos XIV E XV – Aspectos Econômicos e sociais.** Tradução de Anne Arnichand da Silva. São Paulo: Pioneira, 1973.

HOLANDA, Sérgio Buarque de (org). **História Geral da Civilização Brasileira**. **A Época Colonial**. Tomo 1. Vol. 1. São Paulo: DIFEL, 1981.

HUBERMAN, Leo. **História da Riqueza do Homem**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

MAGALHÃES FILHO, Francisco de B. B. de. **História Econômica**. São Paulo: Sugestões Literárias, 1981.

SÉRGIO, Antônio. **Breve Interpretação da História de Portugal**. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1974.

CHAUNU, Pierre. **Conquista e Exploração dos Novos Mundos (Século XVI)**. São Paulo: Pioneira, 1984.

GODINHO, Vítor Magalhães. **Os Descobrimentos e a Economia Mundial.** Lisboa: Presença, 1963-1971. 2 v.